HISTÓRIA DAS VIAGENS À LUA: UM PERCURSO E UMA APRESENTAÇÃO DE *MAN IN THE MOONE* DE FRANCIS GODWIN

Bruna Pereira Caixeta

A primeira história de viagem à lua de que se dá notícia surge enraizada em temas religiosos. *Sobre a face visível da órbita da Lua* de Plutarco, publicada no século V a.C. na Grécia, traz a descrição detalhada da estada das almas na Lua, após a morte. Sendo a natureza humana, para Plutarco, formada de três elementos (uma vez que “a Terra fornece o corpo, a Lua, a alma, e o Sol, a mente”), a morte supõe duas etapas: a primeira na Terra, quando Deméter separa a carne da alma; a outra na Lua, sob o comando de Perséfone, que separa, aos poucos, a mente da alma. Narrativa de mote religioso grego, ainda não considerara a Lua como astro e possível lugar habitável.¹

As demais ficções de viagem à Lua se diferenciarão desta por abandonarem a exclusividade da noção religiosa, e por passar a usar este tipo de ficção para abordagem de transformações políticas, científicas e religiosas, admitindo já, não só a existência de selenitas no astro, como também a formulação do processo mental de deslocamento para a Lua a fim de contemplar-se a Terra. O maior e mais famoso responsável pela

¹ Jacyntho Lins Brandão, no posfácio à *Viagem à Lua* de Cyrano de Bergerac (ed. Globo, 2007), faz esta apresentação do enredo da obra de Plutarco e aponta as “ressonâncias pitagóricas, platônicas e estoicas” do texto. Ver BRANDÃO, 2007, p. 192-193.

adoção desses novos e distintos elementos na ficção de viagem lunar é o grego Luciano de Samósata, com suas narrativas *Icaromenipo* e *Narrativas Verdadeiras*. Depois dele, todos os sucessivos escritores de viagens à lua se ampararão no seu modelo para a redação de suas narrativas; entre eles estão: Kepler, com *Somnium* (1634), Francis Godwin, com *The Man in the Moone* (1638), Cyrano de Bergerac, com *Voyage dans la Lune* (1657), Julio Verne, com *From the earth to the Moon* (1865) e H. G. Wells, com *The first man in the moon* (1901).

Luciano, quando redigiu *Icaromenipo* e *Narrativas verdadeiras*, parecia preocupado com as questões filosóficas. Como nos relata Brandão (2007), Menipo, filósofo cínico e personagem do enredo da primeira ficção, munindo-se de duas asas, uma de abutre e outra de águia, eleva-se pelos ares e vai à Lua, movido pelo desejo de conhecimento, e pelo cansaço das opiniões ridículas dos filósofos da Terra. Já Luciano, personagem de *Narrativas verdadeiras*, movido por “curiosidade intelectual, o desejo de experimentar novidades e a vontade de saber como é o fim do oceano e que espécie de homens habitam o lado de lá”² chega à povoada Lua. Entretanto, não será apenas a preocupação filosófica de Luciano que será passada aos escritores de tempos posteriores: do sábio grego herdarão o texto cômico, a sátira, a ideia da observação distanciada dos problemas da Terra na Lua, a crítica social e os primeiros passos para reflexões de cunho astronômico e científico, que moverão, por exemplo, as ficções de Kepler e dos prelados Godwin e John Wilkins, este último autor de *The Discovery of a World in the Moone* (1638).

Francis Godwin (1562-1633) bispo anglicano e autor de *The Man in the Moone*, (primeira viagem à lua da literatura inglesa) está entre os principais escritores que devem ser incluídos na tradição luciânica de viagem à Lua. Godwin não só usará ideias semelhantes à de Luciano, como o recurso de colocar nos pássaros que levarão seu protagonista à Lua uma pata de águia e outra palmípede, o que se assemelha às asas do Menipo-Ícaro de Luciano - como aproveitará a ideia do distanciamento e da análise social para construir sua ficção.

A composição de quase todas as únicas quatro obras de Francis Godwin se dá no período dos Stuart, sobretudo no reinado de Jaime I, primeiro rei desta Casa e que assume o governo da Inglaterra após a morte da última representante da dinastia Tudor, Elisabete I. A primeira das obras de Godwin, o *Catálogo dos bispos da Inglaterra desde a primeira implantação do Cristianismo na Ilha* é a única publicada no reinado de

² Ver: LUCIANO, 1976, p.12.

Elisabete. Sai em 1601, ano em que, talvez por mérito do texto, recebe da rainha o bispado de Llandaff. Este *Catálogo*, no entanto, recebe revisão, e a sua versão definitiva é publicada quatorze anos depois, em 1615, com uma dedicatória ao rei Jaime. No ano seguinte, 1616, Godwin publica outra obra de cunho histórico e compilativo, chamada *Anais dos reinados de Henrique VIII, Eduardo VI e Maria*, pela qual, em 1617, recebe o bispado de Hereford das mãos de Jaime I³. Alguns anos mais tarde, abandona as composições históricas para se dedicar à ficção. Em 1629 publica *Nuncius Inanimatus*, e em 1638, já postumamente, *The Man in the Moone*, ambas sem registro exato da data de composição, possivelmente concebidas em 1620-29.

The Man in the Moone é um relato de viagem imaginária à Lua feito em primeira pessoa, por um espanhol de nobre linhagem chamado Domingo Gonsales. Suas aventuras começam na paradisíaca e fictícia Ilha de Santa Helena, onde há toda sorte de árvores frutíferas e animais, e inclusive uma espécie de gansos selvagens com uma pata de águia e outra aquática, que adentra para transportar objetos e pessoas e que, mais tarde, o salva da Invencível Armada, na batalha entre frotas inglesas e espanholas; passa pelo utópico país da lua, *Simiri*, onde percebe nas manchas do astro desenhos dos continentes americano, africano e asiático (como se a lua fosse um globo terrestre), e conhece uma sociedade ideal de gigantes bem educados que vivem sempre na primavera e trabalham pouco; e termina com sua chegada e permanência na China, descrita como um lugar de povos amistosos e povoado por jesuítas gentis.

A comunidade utópica encontrada por Domingo Gonsales, *Simiri*, diferentemente da apresentação pormenorizada dos diferentes setores sociais das demais utopias, é descrita de forma sucinta, para não dizer vaga, como se viesse de um autor que se vale da pena corrida. O narrador apenas menciona que quando alguns selenitas vêm recebê-lo, pronuncia, antes de qualquer coisa, “Jesus”, o que faz com que os nativos se ajoelhem e pronunciem algo ininteligível. Observa que eles tinham uma cor singular e não semelhante a nenhuma outra, e que seu país era iluminado por estrelas de outros planetas, já que não viam o sol nem a Terra, e deveriam dormir na época das fases da lua, quando parte do astro fosse escurecida. Relata ainda que é apresentado a um príncipe selenita, Pylonas (que em sua língua é igual à “primeiro”), mais alto que os demais e que o instrui na língua e nos costumes dos lunares, bem como a respeitar quatro

3 Cf. D.N.B. (Dictionary of National Biography), consultada através do artigo de Lawton. Ver LAWTON, 1931.

princípios básicos: 1) não desejar algo a mais do que lhe coubesse; 2) não maltratar nenhum selenita que se aproximasse; 3) ser instruído na língua tonal com toda diligência; 4) não tomar conhecimento a mais do que lhe fosse transmitido. *Simiri* era ordenada por um monarca supremo, de nome Irdonozur, quem tinha abaixo deles 29 outros príncipes e 24 demais, como Pylonas. Havia também um comandante dos assuntos ligados à religião, o Imozes, caracterizado como “absolutamente igual ao papa da Itália”. Observa que no país todas as necessidades são providas pelo superior, o que não dispensa o trabalho dos selenitas, que pouco fazem, e ainda divertindo-se. E no país, além de ser cultivado todo tipo de alimentos, são fáceis de obter. A relação entre os lunares sempre é de paz, amor e amizade. Em *Simiri* ainda, dispensa-se o julgamento de crimes, pois os lunares têm comportamentos exemplares, o que os isenta de ter advogados. O ar sempre puro e a estação primaveril permanente também dispensam médicos. Finalmente, eles contam com o auxílio das funções de pedras mágicas, nomeadas Poleastis, Machrus e Ebelus, as quais, se subentende, os provêm nas eventuais necessidades, como frio, escuridão e equilíbrio de peso dos corpos – já que vivem no espaço.

Pelo exposto, nota-se que o enredo da ficção mescla o conteúdo das teorias astronômicas da época com os dos relatos de viagens de navegantes e utopistas. Godwin dá forma particular à organização utópica *Simiri* acolhendo as mais recentes teorias da astronomia de Galileu, Kepler e William Gilbert. Aproveita de Galileu as observações das fases e da superfície da lua, apresentadas no seu *Mensagem Sideral* (1610); do segundo, Kepler, as teorias da harmonia e congruência do movimento dos planetas e dos fenômenos físicos, encontrados na *Astronomia Nova* (1609) e *Harmonia do Mundo* (1619); e do terceiro, William Gilbert, a teoria do magnetismo da Terra, advinda do modelo de planeta chamado “terrella”, presente no tratado *Sobre os ímãs, os corpos magnéticos e o grande ímã terrestre* (1600). Além da menção a esses aspectos astronômicos, a referência a episódios da história inglesa de fins do século XVI e meados do XVII, como a Invencível Armada e o acordo inglês com os jesuítas, parecem objetivar um plano político a ser oferecido ao governo dos Stuart, sobretudo ao de Jaime I.

Talvez seja arriscado afirmar que Godwin estaria pensando em um projeto político para os Stuart; no entanto, suas ideias não deixam de ser pró-Stuart. Quando Godwin se atém a descrições da fauna e flora de Santa Helena e depois da China, à maneira das cartas dos descobrimentos (como as de Caminha e de Colombo), apontando para o que haveria de positivo nesses lugares, como a receptividade dos nativos e a possibilidade de exploração dos recursos, parece ser intenção do texto propor a

colonização destas regiões. Mesmo a visão que Domingo Gonsales tem da Terra quando na Lua - a imagem do globo terrestre - parece o remate deste projeto colonizador, com uma Inglaterra senhora de um Novo Mundo.

Francis Godwin estaria interessado neste convite à colonização, porque Jaime I, rei de 1603-25, conforme o historiador G. M. Trevelyan (1991), negligenciava a Marinha Real, não aproveitando os termos do tratado, que pusera fim à guerra do tempo de Elisabete, que garantia aos mercadores ingleses o comércio aberto com a Espanha e suas possessões. Nestas circunstâncias, a guerra privada contra espanhóis e portugueses prosseguiu sem a intervenção do Estado ou com as medidas falhas do Duque de Buckingham, braço direito dos primeiros reis Stuart, e que seria responsável por indispor a Câmara dos Comuns, o povo e as classes médias contra o rei Jaime, e em seguida contra seu filho, Carlos I.

Jaime ainda tomou a atitude drástica de manter o regime absolutista monárquico e almejar a coroa de “Rei da Grã-Bretanha”, sem qualquer atenção à pequena nobreza progressista; e isto depois, como afirma Morton (1970), dos Tudor terem criado as condições prévias para o desenvolvimento de uma economia capitalista, sustentada por essa classe e pelos comerciantes. Também aboliu o Parlamento (em 1611), sendo obrigado a manter uma política externa com formas alternativas de aumentar o orçamento da corte. As opções que Jaime escolhia para angariar fundos, no entanto, sempre eram passíveis de gerar discórdia. É o caso da inesperada aliança com a Espanha, e o das vendas de títulos nobiliários – criou 62 novos títulos, enquanto Elisabete criara 8. Submeteu a política inglesa a Gondomar, embaixador espanhol, chegando ao ponto de propor o casamento do seu filho Carlos I com a infanta espanhola, Henriqueta Maria da França - atitude que contrariava mais uma vez a nova classe puritana em ascensão, que via perigo nessa união pela possibilidade de surgirem herdeiros espanhóis e reis católicos na Inglaterra, o que liquidaria toda a obra de Elisabete. O casamento, entretanto, foi realizado e representou um fiasco para a moral dos Stuart.

Godwin, a partir deste contexto, parece apresentar na sua ficção o cumprimento do que estavam sendo as faltas do governo do rei Jaime I. À negligência do rei para com a atividade comercial marítima, apresenta a Ilha de St. Helena e a China como colônias viáveis, chamando a atenção não só para a troca comercial com colônias espanholas (como já era a China, ocupada por jesuítas), como também para possessão de terras intocadas, como a fictícia e abastada ilha de St. Helena. Com os jesuítas (que astutamente ocuparam a China, e com quem Domingo Gonsales trava amizade) Godwin sugere um pacto, que poderia render soluções econômicas e políticas. Godwin parece oferecer a Jaime, com uma piscadela,

a sugestão de um acordo com os católicos, e por extensão com a Espanha, através de um vínculo exclusivamente comercial, ao invés da opção, pouco feliz, de tentar alianças mais estreitas por meio de casamentos, o que só deflagraria a contrariedade da classe dos puritanos, já hegemônicos no Parlamento e nos centros comerciais de Londres. O vínculo com os jesuítas, sem fortes alianças, também poderia ser bem vista e convencer as facções de católicos contrariados com as imposições religiosas de Jaime - que cunhara a própria Bíblia e, conseqüentemente, fortalecia as bases do protestantismo. Os católicos, já no outono de 1605, haviam mostrado o seu descontentamento com a perda progressiva de posições, deflagrando a Conspiração da Pólvora - em que um grupo de extremistas católicos planejou explodir o Parlamento Britânico quando estariam reunidos o rei e os demais membros para a cerimônia de abertura. O plano não foi executado, mas deixou evidente a disposição dos católicos.

Nesse sentido, a ficção de Godwin tende a apresentar a versão reformada do governo de Jaime, e pode constituir-se num projeto político para os primeiros anos de regência dos Stuart. Certamente, se essas falhas do reinado de Jaime descritas não tivessem se perpetuado no reinado do seu filho e sucessor Carlos I, a Inglaterra não conheceria a Guerra Civil (que seria deflagrada em Londres em 1640), e permaneceria monárquica, como queriam os dois reis Stuart, e, ao que parece, o anglicano Francis Godwin.

Godwin parece pretender uma monarquia reformada, ou mais exatamente, reformulada. Com a sua comunidade utópica de *Simiri*, na qual o governo de *um* soberano funciona em harmonia com o de *um* papa, e seus súditos selenitas muito satisfeitos, parece apresentar soluções para as falhas do governo de Jaime I, e chegar, ou voltar, ao modelo do governo de Elisabete. O fato de Pylonas, o príncipe da Lua, pedir a Gonsales que saúde Elisabete como a “a melhor rainha do mundo”, indica um governo ideal para outro que poderia voltar a ser ideal – pois muitos ingleses consideravam o reinado de Elisabete “Anos de Ouro” do governo inglês, ainda muito tempo após a morte da rainha.

Um elemento novo, mais comum e popular, que Godwin vem acrescentar à moldura política de Elisabete, é a ciência. Assim como Francis Bacon em *New Atlantis* (1627), Godwin apostava no controle científico da natureza. Ambos acreditavam que a ciência seria elemento indispensável para realizar e manter a sociedade ideal. Todavia, enquanto Bacon instituiu-a como atividade diária dos habitantes e colocava-a nas mãos de todos na sua ilha, Godwin se vale dela como recurso para a colonização - o que fica sugerido na passagem em que sua engenhoca de

pássaros transporta um carneiro - possível metáfora do mercado de lã, principal produto do comércio inglês no século XVII.

Logo, em sùmula, vê-se que *Simiri* de Francis Godwin poderia constituir-se como um projeto para os Stuart.

MAN IN THE MOONE COMO UMA POSSÍVEL UTOPIA E/OU FICÇÃO CIENTÍFICA

Boa parte dos comentadores da obra de Godwin concorda que o tema central de *Man in the Moone* são as teorias astronômicas. Ruth Menzies⁴, por exemplo, de uma forma geral, afirma que as experiências de Gonsales servem de pretexto para a exploração das teorias científicas. E Robert Philmus⁵, nesta mesma linha de crítica, diz que Godwin, ao desenvolver tal enredo, intenta promover a *New Astronomy*. Já William Empson, num longo estudo, cita cada teoria astronômica abordada por Godwin e procura analisar a veracidade delas, como a considerar este aspecto o mais relevante da ficção godwiniana⁶. E, por fim, Sarah Hutton⁷ acredita que as teorias astronômicas só objetivam oferecer verossimilhança ao texto. Indiscutivelmente um dos temas godwinianos são as teorias astronômicas. Além de o texto apresentar estas informações de forma evidente, o escritor é contemporâneo das teorias desenvolvidas após a revolucionária

4 “Gonsales’ experiences are a primarily pretext for the exploration of contemporary scientific theories, the traveler is constantly at pains to point out his personal testimony invalidates the traditional worldview upheld by the writings of scholars” (MENZIES, 2009, p. 8).

5 “[...] Like Johann Kepler, he’s out to promote the ‘New Astronomy’ (though not in its Keplerian version)”. (PHILMUS, 1996, p. 261).

6 Uma das avaliações que Empson faz se refere às descrições do narrador sobre a atração magnética e o voo dos Gansas; sobre elas, ele deixa a seguinte crítica : “ He seems to have forgotten that the attraction of the earth does not work beyond sixty miles up. Godwin might intend him to be confused; he is not a theoretical type”. (EMPSON, 1993, p. 233). Há também outro artigo que busca provar que a trajetória da terra à lua não se desenvolve em linha reta, como mostra a famosa figura da obra *Man in the Moone*. Num trabalho de matemático, Simoson desenha e faz cálculos da trajetória correta (circular) e fictícia (linear) feita pelo personagem godwiniano à lua. (SIMONSON, 2007, p.1-2). O trabalho deste matemático, mesmo que não tentando a exegese literária, em igual medida à leitura de Empson, buscou avaliar cientificamente informações dadas oferecidas pelo narrador na sua ficção.

7 “Godwin reverses fact and fiction to give his ‘essay of fancy’ the semblance of verisimilitude, in order to shift in perspective on received cosmological notions”. (HUTTON, 2005, p. 13).

De Revolutionibus Orbium Coelestium (1543) de Copérnico - obra que lançou a concepção heliocêntrica do universo e causou o surgimento da Revolução Copernicana⁸.

Godwin é influenciado nitidamente por três dos grandes articuladores do conhecimento científico e astronômico da Revolução Copernicana: Galileu Galilei, William Gilbert e Johannes Kepler⁹. Mas, a maneira rápida com que Gonsales passa por essas teorias e a consideração mais incisiva sobre os temas da invenção científica e da organização social, faz com que se reconheça que a função dessas teorias é apenas de ser um recurso para dar maior verossimilhança ao texto, como diria Hutton (ibidem) e, quem sabe, um esforço de popularização das discussões astronômicas¹⁰. Evidente é que Godwin não procedeu como Kepler em *Somnium* (1634) e Wilkins em *Discovery* (1638), que objetivaram ter a ficção apenas como veículo de divulgação da ciência¹¹. A semelhança de Godwin com os dois autores está na utilização das teorias astronômicas, mas não na mesma atribuição de finalidade prioritária a elas, contudo. Esclarecida a questão,

8 Esta Revolução foi a responsável pela “articulação de diversas tradições e práticas de conhecimento, originando uma nova Ciência Física e Astronômica que serviram como referências para a constituição posterior de novos campos do saber científico” (SOARES, 1999, p. 222). Godwin desenvolve um enredo que aproveita este novo saber científico. A forma de aproveitá-lo será mostrada logo mais.

9 Sarah Hutton e Grant McColley afirmam isso. Eles fizeram um trabalho semelhante: procuraram identificar quais teorias de Galileu, Gilbert e Kepler estavam em Godwin. Hutton, indo mais além que McColley, ainda fez um estudo comparativo entre os quatro autores, mostrando as diferenças e semelhanças de concepções astronômicas entre eles. (cf. MCCOLLEY, 1937, pp. 52-58; HUTTON, ibidem).

10 O esforço de popularização da astronomia e da ciência de uma forma geral se tornaria algo comum nesta época. A própria obra *Somnium* de Kepler é um exemplo. Nela, Kepler inventa uma ficção para divulgar as suas teorias científicas.

11 Tanto *Somnium* de Kepler como *Discovery* de Wilkins são também relatos de viagens imaginárias à lua. Mas se diferenciam claramente do texto de Godwin pela escolha de colocar a ciência antes da ficção. Os dois escritores quiseram usar a ficção apenas como pretexto para discutir a ciência. Durocotus, o personagem kepleriano, tem falas claramente de intenções didáticas e a ficção de Wilkins o tempo todo fala de ciência. (Ver KEPLER, 1967; WILKINS, ibidem). É importante notar que o personagem godwiniano (Gonsales) deixa sua opinião em relação ao heliocentrismo, mas, mesmo que a sua forma de dizer pareça polêmica, ele não demonstra interesse de levar a discussão adiante. Essa decisão é mais um sinal de que o escritor tinha outros interesses para sua ficção. Gonsales se expressa assim: “I will not go so far as *Copernicus*, that maketh the Sunne the Center of the Earth, and unmoveable, neither will I define any thing one way or other. Only this I say, allow the Earth his motion (which these eyes of mine can testifie to be his due) and these absurdities are quite taken away, every one having single and proper motion onely. (GODWIN, 2009, p. 94). Vê-se que Gonsales não afirmou crer no heliocentrismo. Ele preferiu não se posicionar em uma das discussões consideradas mais caras de sua época.

a análise passa para os temas ditos mais incisivos: o da invenção científica e o da organização social.

A invenção científica é exemplificada pela ideia de Gonsales de adestrar os *Gansas* para carregar cargas, pessoas e mensagens. A forma como é apresentada motiva duas discussões: uma referente à colonização, e a outra à consideração dos efeitos no emprego da ciência. Esta última está em empregar o equipamento desenvolvido, representado pelos *Gansas*, como algo a trazer um benefício humano. A preocupação de atribuir um fim útil e benévolo para o equipamento inventado assomada a uma preocupação dos lunares quanto às capacidades das invenções científicas¹², demonstra uma atenção sobre os riscos que as descobertas científicas poderiam ocasionar. Portanto, o episódio assinala para a preocupação do autor para a questão da ciência vinculada à ética. Já a discussão vinculada à colonização, começa com a observação da maneira como Gonsales se refere à Ilha de Santa Helena. De início, ele a apresenta como um lugar abundante em frutas e fauna, a elogiá-la à maneira dos relatos de viajantes; logo em seguida, começa a desfrutar do lugar, mas exclusivamente a serviço da experiência científica. Essa maneira de proceder, além de colocar a discussão da ciência em primeiro plano no enredo, pratica uma propaganda à colonização em dois sentidos: mostrando um lugar disponível para a ciência - a qual, desde o nascimento era uma forma iminente de poder econômico, e político, consequentemente - e colocando o equipamento desenvolvido como um meio para se colonizar outros lugares. Esse interesse de colonização do espaço foi justificado pelo contexto histórico do autor e comentado (bem como completado) com a viagem de Gonsales à China.

Paralelamente à preocupação com a economia, o que é curioso, é a importância que Godwin dá à narração, ainda que muito destituída de detalhes, da desenvolvida civilização lunar, que conta com um regime político e econômico orientado na contramão dos interesses de colonização. Esta comunidade sem vícios - descoberta por meio de uma viagem imaginária acidental, que é erigida num lugar distante da cidade convencional; que assume um sistema político capaz de viver por si; que dispensa os cargos burocráticos e a exagerada valorização do sistema econômico (inclusive de qualquer forma de dinheiro), e que está interessada na virtude dos indivíduos, enfim, uma comunidade erigida

12 Os lunares, quando interrogados por Gonsales sobre a criação da propriedade capaz de deixar os humanos invisíveis, respondem: "They assured themselves that God would not suffer it to be revealed to us creatures subject to so many imperfections, being a thing so apt to be abused to ill purposes; and that was all I could get of them" (GODWIN, 2009, p. 112).

em oposição à existente -, por todas essas razões, assemelha-se à *Utopia* (1516) de Thomas Morus¹³ e ao gênero utópico que a partir da obra dele surgiu.

O gênero utópico caracteriza-se basicamente pela representação (com todas as características mencionadas acima) de uma comunidade ideal, descoberta acidentalmente, num lugar afastado da vigente sociedade. Em geral, este espaço constitui-se como uma projeção ideal da atual sociedade em escombros. Assim, o compromisso do utopista se dá com a *projeção* de uma sociedade-modelo e não com a *materialização* deste ideal¹⁴. O utopista só não é capaz de compreender a atual sociedade, como também é capaz de pensá-la outra, livre dos males que a vitimam. Sendo assim, a sua obra contemplará faces opostas de uma mesma sociedade: a dos defeitos e a dos possíveis recursos para saná-los¹⁵. Essas faces, entretanto, na maior parte das vezes, surgem de forma ambígua, tornando-se difíceis de serem classificadas ora como sendo críticas ou soluções, pois o escritor comumente se vale da ironia e da sátira¹⁶ para representá-las. Dessa forma, quando Godwin funda a sua comunidade utópica e coloca Imozes como um líder religioso, por exemplo, não se sabe até que ponto ele intenta satirizar a Igreja, onde há a presença de um papa, ou o anglicanismo, que naquele momento mantinha unidos Estado e Igreja. Essas características

13 Interessante é observar que Godwin, ao nem mencionar o sistema econômico: ficar apenas pressuposto que a civilização lunar subsiste e se sustenta pelo trabalho dos indivíduos, atingem um dos maiores objetivos de Morus ao escrever sua *Utopia*. Segundo Quentin Skinner, para Morus, a melhor forma de curar a moléstia social seria pela abolição completa do dinheiro, da moeda. Em *Utopia*, inclusive, os sábios utopianos adotaram essa solução, pois já tratam o ouro com desprezo, utilizando-o apenas para fabricar utensílios mais vulgares. (SKINNER, 1996, p.279).

14 Como afirma Berriel: “toda tentativa de realizar no mundo o projeto utópico implica na dissolução da própria utopia”. (BERRIEL, 2010, p. 3).

15 Segundo Cosimo Quarta, a *Utopia* de Morus coloca lado a lado a *pars destruens* e a *pars construens*, isto é, ao lado da crítica, do negativismo à sociedade, apresenta também uma comunidade propositiva, projetual, utópica, que é muito mais importante e significativa. O gênero utópico também herdou essa divisão textual. (QUARTA, 2006, p. 36 a 53).

16 A sátira que está presente na *Utopia* de Morus e em outros textos do gênero pode ser de dois tipos: a sátira romana e/ou a sátira menipeia. Este segundo tipo de sátira (a menipeia), inclusive, guarda muitas semelhanças com as características do gênero literário utópico, pois que tem por principais características: o hibridismo formal, o conteúdo parodístico, a grande liberdade de invenção temática e filosófica, que se apresenta na presença do elemento inverossímil, a presença da ambigüidade e o ponto de vista distanciado de um espectador distanciado. Assim, em alguns momentos torna-se até difícil diferenciar a utopia da sátira menipeia. Quanto às sátiras romanas, elas possuem profundo interesse moralizante. (RIBEIRO, 2009, p. 141).

tornam-se peculiaridades da *Utopia* de Morus e são herdadas pelo gênero utópico. Elas se justificam, contudo, pelo fato da utopia se enquadrar no gênero da *declamatio*, termo mais amplo e técnico do que o de paradoxo, e que “tem por objeto o ‘real irreal’, de forma que o seu espaço movente se denuncia e afirma ao mesmo tempo. [...] É um jogo ao mesmo tempo retórico e filosófico que se define pelo jogo e pela ficção” (LESTRINGANT, 2006, p. 158). A partir das definições, vê-se que a *forma* do gênero utópico é igual, o que muda é a *concepção* de cada autor para fundar sua comunidade, concepção necessariamente condicionada pelo momento histórico do escritor. Portanto, sempre existirão utopias com utopismos¹⁷ diferentes. A utopia sempre será um “ensaio de ficção política” (DUBOIS, 2009, p. 23), que recorre à *projeção* de uma cidade ideal e inevitavelmente à consideração e reavaliação do seu momento histórico.

As utopias do século XVII, por exemplo, se diferem das utopias do século XVI. Segundo Luigi Firpo (2008), algo que as distingue é a manifestação do propósito prático e cientificista das utopias seicentistas¹⁸. Essa peculiaridade é explicada pelo início do desenvolvimento das ciências experimentais. De acordo com Lyman Sargent (2007), muitas utopias do século XVII abordam a ciência de maneira positiva. Em *New Atlantis* (1627) de Bacon, por exemplo, a ciência é elemento indispensável para realizar e manter a sociedade ideal. Se aceitarmos a possibilidade de *Man in the Moone* ser uma utopia e a compararmos com as utopias do *Seicento*, veremos que ela aborda a ciência de uma maneira diversa da de Bacon. Em Godwin, a ciência não aparece de forma a manter a sociedade ideal. De forma diferente, ela é celebrada à parte, isto é, fora da comunidade utópica. Os *Gansas* são criados em St. Helena e não em *Simiri*. E a comunidade lunar não se sustenta pela ciência. A única referência a um

¹⁷ Utopismo se difere do termo utopia. Lyman Tower Sargent considera que toda projeção aleatória de uma sociedade boa é considerada utopismo. (SARGENT, 2005, p. 154 e 155). Assim, como diz Raymond Trousson, “utopismo” é um termo mais largo que o de “utopia”, englobando também as ciências, a economia, o urbanismo, a política, a história, a ficção científica, etc. (TROUSSON, 2005, p. 127). O utopismo ainda se difere de antiutopia e esta, por sua vez, também se difere de utopia. A antiutopia é a crítica à realização de qualquer utopia. Visto que nenhuma das utopias intenta realização, pelo menos imediatamente, “os grandes textos utópicos são ao mesmo tempo utopias e antiutopias” (RACAULT, 2009, p. 7).

¹⁸ Essa caracterização de que as utopias seicentistas se diferem pelo propósito prático e cientificista é um pouco flexível, pois que ao mesmo tempo em que há *A Cidade Feliz* (1553) de Patrizi no século XVI apresenta propósitos práticos (cf. estudo de Helvio: MORAES, 2005), há *A Cidade do Sol* (1624) de Campanella, no século seguinte, com preocupações pragmáticas e cientificistas (FIRPO 2008, p. 44 - 48; BERRIEL, 2008, p. 110).

domínio da ciência à maneira do *Seicento* é quando há menção às ervas que curam qualquer ferimento¹⁹. Mas esta única propriedade medicinal não dá conta de representar todas as demais áreas sociais – que inclusive são apresentadas sem qualquer vínculo com a ciência – bem como é incapaz de garantir por si só toda a organização social. É diferente esta menção que Godwin faz às ervas do que a que se encontra na descrição da Casa de Salomão de *New Atlantis*. Nesta Casa são realizadas constantes observações e experimentações que sustentam a qualidade de vida da população, impedindo que exista qualquer falta ou infelicidade. Uma exaltação da qualidade científica, como esta da Casa de Salomão, em Godwin insinua-se mais fora da comunidade utópica do que nela, em outras palavras: o fato de os *Gansas*, que foram pensados fora de *Simiri*, em St. Helena, aparecerem como um experimento que proporciona grandes aventuras para Gonsales tem mais representatividade que a menção curta à propriedade das ervas em *Simiri*. E mesmo que se considerem as propriedades mágicas das pedras com as quais Pylonas presenteia Godwin, as quais também sinalizam para a ciência do século XVII (que era mais alquimia do que ciência), ainda sim a invenção dos *Gansas* é mais admirável e tem maior destaque no enredo. A única característica que parece unir a concepção de ciência das utopias do *Seicento* com a concepção godwiniana de ciência é a preocupação com a sua benévola aplicação. Tanto Bacon como Godwin são otimistas em relação à sua aplicação e a usa de maneira positiva à humanidade. Destacados esses dois fatores: de uma celebração à invenção científica à parte, isto é, fora da comunidade utópica, e da sua boa aplicação, aproximamos o texto de Godwin da ficção científica. É sabido que este gênero tem por elemento essencial a abordagem dos impactos da ciência, tanto verdadeira como imaginada, sobre as sociedades ou os indivíduos²⁰. Em outras palavras, que “suo ambito è principalmente la discussione dell’uso ed effetto politico, psicologico e antropologico della conoscenza, della filosofia

19 “[...] that although a mans head be cut off, yet if any time within the space of Three Moones it bee put together, and joyned to the Carkasse againe, with the appointment of the luyce of a certaine hearbe, there growing, it will be joined together againe, so as the partie wounded shall become perfectly whole a few houres.” (GODWIN, 2009, p. 113).

20 Segundo Darko Suvin o “uso del termine ‘fantascienza’ confonde l’intero genere con la fantascienza del ventesimo secolo da cui il nome deriva” (SUVIN, 1985, p. 29). A ficção científica do século XX adiante é pessimista e na maioria das vezes apresenta a preocupação com o uso da ciência de forma distópica e negativa. Assim, consideraremos o conceito do gênero de ficção científica sem tomá-lo unicamente pelas produções literárias e cinematográficas do século XX, quando o termo foi criado.

della scienza e del raggiungimento o fallimento di realtà nuove come risultato di tale uso” (SUVIN, 1985, p. 31). Portanto, o enredo da ficção científica não necessariamente deve argumentar sobre a falência que os efeitos científicos podem proporcionar, ele também pode vir a mostrar a realização do adequado uso da ciência. O que é importante é transmitir a *preocupação* com os efeitos do seu emprego. Nesse caso, a ficção científica se aproximará do utopismo do século XVII, aqui exemplificado pela obra *New Atlantis*²¹.

O fato de Gonsales adestrar os *Gansas* com a intenção de tê-los como transportadores de mensagens e pessoas e só acidentalmente é que o conduzem a lua, entusiasma a classificação de *Man in the Moone* como ficção científica, já que parece que o interesse científico suplanta os demais. No entanto ainda, o fato de Godwin criar uma comunidade ideal, onde não há vícios - o que mais Platão desejava com a sua *República* -, de descobrir esta comunidade por meio da viagem acidental e de fazer com que ela transpareça uma cidade com um sistema político e econômico mais bem pensado, não deixa também sua ficção de fora do gênero utópico (mesmo que a ele não se encaixe pelas utopias produzidas na sua época).

Contudo, a ficção de Godwin, ao que parece pode ser tomada como uma ficção científica, no entanto, aproxima-se mais de constituir-se numa utopia, só que imaginada por um anglicano para reformar um governo monárquico (o dos primeiros Stuart). No projeto de sociedade de Godwin, é possível notar que soube se valer do que havia de mais moderno para sua época: a posse e aplicação do conhecimento científico para o auxílio no desenvolvimento da sociedade ideal, ou da sociedade melhor, todavia, ainda, talvez pelo passo decisivo que sua época não havia dado, o de rompimento completo com a estrutura do Antigo Regime, e/ou também pela sua visão política marcadamente anglicana e absolutista, voltou o que havia de moderno e corretor nas suas ideias para os moldes do governo elisabetano e, consequentemente do Antigo Regime, arquitetando assim um texto que fica no impasse do moderno e do antigo.

21 André Carneiro considera que a utopia foi a precursora da F. C. e nela se acomodou com o advento da ciência. Ele diz: “o romance de Utopia, precursor da S. F., nela se acomodou naturalmente, quando o desenvolvimento da ciência obrigou os romancistas a colocá-lo como pano de fundo essencial de qualquer antecipação. Hoje costumam-se citar como “romances sociológicos de S.F.” os chamados antigamente de Utopia.” (CARNEIRO, 1967, p. 31).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Viagens à Lua:

BACON, Francis. *New Atlantis*. In: BRUCE, Susan (ed.). *Thomas More – Utopia; Francis Bacon – New Atlantis; Henry Neville – The Isle of Pines*. Oxford University Press, 1999.

BERGERAC, Cyrano de. *Viagem à Lua*. Trad. Fulvia Moretto. São Paulo: Globo, 2007.

GODWIN, Francis. *The man in the Moone*. Ed. William Poole. Ontario: Broadview Press, 2009.

LUCIANO. *Uma história verídica*. Trad. Custódio Magueijo. Lisboa: Inquérito, [1976?].

VERNE, Jules. *From the Earth to the Moon*. Translated by Lowell Bair. New York: Bantam Classic, 2008.

WELLS, H. G. *The first man in the moon*. England: Penguin Classics, 2005.

KEPLER, Johannes. *Kepler's Somnium: the dream or posthumous work on lunar astronomy*. Trad. Edward Rosen. Madison: University of Wisconsin Press, 1967.

Estudos:

BERRIEL, Carlos Eduardo Ornelas. “Campanella: A consciência possível da Contrarreforma. Considerações sobre o *Appendice della politica detta La Città del Sole di fra' Tommaso Campanella – Dialogo poetico (1602)*”. In: *MORUS – Utopia e Renascimento*, Campinas, nº 5, 2008.

_____. “Campanella: a antinomia entre fé e razão e seus resultados”. Conferência proferida no *Centre d'Études Supérieures de la Renaissance*. Tours (França), dez. 2010.

BRANDÃO, Jacyntho Lins. “Cyrano de Bergerac e a tradição luciânica”. In: *Viagem à Lua*. São Paulo: Globo, 2007.

CARNEIRO, André. *Introdução ao Estudo da Science-Fiction*. São Paulo: Conselho Estadual de Cultura/Comissão de Literatura, 1967.

DUBOIS, Claude-Gilbert. *Problemas da Utopia*. Trad. Ana Cláudia Romano Ribeiro. Campinas: UNICAMP- IEL –Setor de Publicações, 2009. (Coleção Work in Progress).

EMPSON, William. “Godwin's Voyage to the Moon.” In: *Essays on Renaissance Literature*. Ed. John Haffenden. Cambridge, UK: Cambridge UP, 1993.

FIRPO, Luigi. “A utopia política na Contrarreforma”. *MORUS –Utopia e Renascimento*, Campinas, nº 5, 2008.

GALILEI, Galileu. *Sidereus Nuncius: O Mensageiro das Estrelas*. Trad. Henrique Leitão. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2010.

- GILBERT, William. *De magnete*. Trad. Fleury Mottelay. New York: Dover Publications, 1958.
- HILL, Christopher. *Origens intelectuais da Revolução Inglesa*. Trad. Jefferson Luis Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- HUTTON, Sarah. “The Man in the Moone and the New Astronomy: Godwin, Gilbert, Kepler”. In: *Estudes Epistémè*, nº 6, 2004.
- LAWTON, H.W. “Bishop Godwin’s Man in the Moone”. In: *The Review of English Studies*, vol. 7, n. 25, jan. 1931.
- MENZIES, Ruth. “The Bishop and the Braggart: truth and fiction in Francis Godwin’s *The Man in the Moone*”. In: *Représentations*, Hors, série 3, nov. 2009.
- MORAES, Helvio. “O pensamento utópico de Francesco Patrizi da Cherso de *La citta Felice*”. 2005. Dissertação. (Mestrado em Teoria e História Literária) IEL, UNICAMP, Campinas, 2005.
- MORTON, A. L. *A História do Povo Inglês*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1970.
- PHILMUS, Robert M. “Murder Most Fowl: Butler’s Edition of Francis Godwin. In: *Science Fiction Studies*, vol. 23, nº 2, jun. 1996.
- RACAULT, Jean-Michel. “Longe da quimera, perto do real”. In: *Jornal da Unicamp*, ano XXIII, 2009, nº 427.
- RIBEIRO, Ana Cláudia Romano. “Utopia e Sátira”. In: *MORUS – Utopia e Renascimento*. Campinas, nº6, 2009.
- QUARTA, Cosimo. “Utopia: gênese de uma palavra-chave”. In: *MORUS – Utopia e Renascimento*, Campinas, nº3, 2006.
- SARGENT, Lyman Tower. “What is a Utopia?” In: *MORUS – Utopia e Renascimento*, Campinas, nº 2, 2005.
- _____. “Eutopias e Distopias da Ciência”. In: *MORUS – Utopia e Renascimento*, Campinas, nº 4, 2007.
- SIMOSON, Andrew. “Pursuit Curves for the *Man in the Moone*”. In: *The College Mathematics Journal*, Vol. 38, nº. 5, nov. 2007.
- SKINNER, Quentin. *As fundações do pensamento político moderno*. Trad. Renato Janine Ribeiro e Laura Teixeira Motta. São Paulo. Cia das Letras, 1996.
- SOARES, Luiz Carlos. *Do novo mundo ao universo heliocêntrico*. São Paulo, Hucitec, 1999.
- SUVIN, Darko. *Le metamorfosi della fantascienza: poetica e storia di un genere letterario*. Bologna: Il Mulino, 1985.

TRVELYAN, G. M. *História concisa de Inglaterra*. Vol. II. Europa-América, 1991.

TROUSSON, Raymond. “Utopia e Utopismo”. In: *MORUS – Utopia e Renascimento*, Campinas, nº 2, 2005.